

# Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira  
Proprietária: Casa Publicadora Angolana  
Redacção e Administração: Missão Adventista  
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo  
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 3\$00  
ASSINATURA ANUAL . . . . . 30\$00

Ano IX — Número 102

*14 anos*

Junho de 1971

## A Liberdade Religiosa

I

por A. Casaca

Foi, decerto, com a mais profunda emoção que todos os Portugueses, espalhados pelos vários Continentes, tomámos conhecimento, através dos grandes órgãos de informação, do projecto de proposta de lei que Sua Excelência o Presidente do Conselho enviou à Câmara Corporativa sobre a Liberdade Religiosa.

Convém dispensar o melhor da nossa atenção a este projecto de proposta de leis, pois o seu alcance é extraordinário e o seu valor é indiscutível.

A verdade é que o problema não se encontra limitado a este ou àquele País, a esta ou àquela Nação; pela sua própria natureza transcende os povos e as Nações, pois é do domínio universal.

A liberdade de termos uma religião e de a praticar, de a mudarmos, ou de não termos nenhuma religião, nem de praticar nenhum culto, é o fundamento, em última análise, de todas as liberdades. É que a liberdade religiosa justifica e pressurõe toda uma série de outras liberdades: de expressão, de reunião, de associação...

Há, portanto, uma estreita relação entre a liberdade política e a liberdade filosófica ou religiosa.

Escreveu alguém a este respeito: «To-

da a religião, seja ela qual for, sugere aos seus fiéis uma concepção particular do homem, do seu valor, dos objectivos que deve alcançar, ao papel que ele tem de desempenhar na humanidade e da finalidade para a qual esta humanidade caminha sem cessar» (Boegner, «A influência da Reforma no desenvolvimento do direito internacional).

Isto mesmo reconheceu Maritain («Os Direitos do Homem e a Lei natural») quando escreveu: «O primeiro destes Direitos é o da pessoa humana encaminhada para o seu destino eterno no caminho que a sua consciência reconheceu como caminho traçado por Deus. **Perante Deus e a verdade**, o homem não tem o direito de escolher à sua vontade qualquer caminho, pois deve escolher o verdadeiro caminho, na medida em que o puder conhecer. Mas, perante o Estado, a comunidade temporal e o poder temporal, o homem é livre de escolher o seu caminho religioso com os seus riscos e perigos; a sua liberdade de consciência é um direito natural inviolável».

Por isso, podemos dizer que a nossa vida, mesmo nos seus aspectos quotidianos, é influenciada pela nossa escolha filosófica ou religiosa. A nossa atitude

*Continua na pág. 14*

# “É quem sabe se para tal Tempo, como este, chegaste a este Reino?”

por A. Casaca

## I

É evidente que Deus conhece, desde toda a eternidade, o fim de cada um de nós, de cada uma das suas criaturas.

Mas este conhecimento — melhor dito: esta previsão — não pugna com a nossa liberdade, nem tampouco significa a posição errada de Calvino quando defendeu a dupla predestinação.

A previsão de Deus deixa totalmente intacta a nossa liberdade, liberdade esta que Ele respeita cuidadosamente.

A Providência divina cuida de cada um dos seus filhos, como se existisse apenas um só deles! Tal é o amor incomparável que Deus tem por nós, pois ama-nos e cuida de nós, como se fôssemos nós o único ser vivo na Terra.

Foi precisamente esse amor infinito que o levou a dar por nós o seu Filho Divino, o nosso bendito Salvador.

A todos nós destinou Deus uma missão específica dentro do plano da sua Divina Providência.

Compete-nos descobrir qual é a vontade de Deus a nosso respeito, quais são os Seus planos e, depois, animosa e entusiasticamente, pô-los em prática, sem hesitações nem o mais pequeno desfalecimento.

O título deste singelo artigo recorda-nos, precisamente, um dos grandes planos de Deus a respeito de uma das suas criaturas.

A jovem *Hadassah*, que em hebraico significa *murta* e que em persa se traduz por Ester, significando: estrela, astro; recebera, precisamente, nos planos eternos de Deus o encargo de colaborar para a defesa, para a salvação do povo de Deus, ameaçado de extermínio total, na Pérsia. No reino da Pérsia — onde se encontrava exilado uma grande parte do povo de Deus, no tempo do famoso rei Xerxes — ocupava o elevado cargo de primeiro ministro um inimigo declarado do mesmo povo do Senhor. Era um tal Haman, filho de Hammedatha, agagita, isto é, descendente do rei Agag, que Saúl insensatamente poupou, contrariando a ordem expressa de Deus. Decorridos tantos anos, um descendente deste tal Agag, inimigo do povo de Deus, vai, precisamente, procurar exterminar, agora na Pérsia, os

descendentes do povo de Deus. Aqui temos bem patente a consequência de se desobedecer às ordens expressas de Deus.

A missão da jovem Ester era, precisamente, a de procurar salvar o povo de Deus, evitando que fosse exterminado pelo ódio do descendente do rei Agag, o primeiro ministro persa, Haman.

A jovem Ester, temente a Deus, cumpre a sua missão; suplica a Deus, em oração e jejum que lhe dê a força necessária para realizar a sua missão; é que, para a cumprir teria de se expor, possivelmente, à morte, porque era lei dos Persas que ninguém se podia apresentar perante o trono imperial, sem que, previamente, tivesse sido convocado.

A jovem Ester não se contentou com o seu trabalho pessoal de oração e jejum; associou a si as suas damas de honor — Ester, como sabemos, era rainha e até a própria rainha estava sujeita àquela dura lei, cuja transgressão era punida com a pena de morte. Também não se contentou em juntar a si as orações e jejuns das suas damas de companhia, mas solicitou também, por intermédio de Mardoqueu as de todos os seus irmãos na religião. É que a batalha era renhida e Satanás não deixaria de desenvolver toda a sua astúcia para procurar destruir o povo de Deus.

Depois de três dias de jejum e oração a rainha Ester, ataviando-se com as vestes reais e seguida das suas damas de honor, dirigiu-se para a sala do trono, onde, seu marido, o imperador Xerxes — o que desencadeou a segunda Guerra pérsica contra os Gregos — dava audiência.

Pelas salas, por onde passava o cortejo da rainha erguia-se um murmúrio de admiração, extasiando-se os circunstantes perante a serena beleza da rainha, ao mesmo tempo que se lhes apertava o coração, pois sabiam que ela não havia sido convocada pelo monarca, expondo-se, portanto ao gravíssimo perigo de perder a vida. De tanta importância seria o que a rainha tinha a expor ao seu marido e rei!

E era, efectivamente. Mas Ester prosse-

*Continua na pág. 6*

Página \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ da \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Juventude



## UM PAI EM MIL

Alguém bateu à porta de Rafael Arnold, e este respondeu preguiçosamente:

— Entre!

Em resposta à sua ordem, a porta abriu-se lentamente e a voz do porteiro anunciou:

— Um cavaleiro deseja vê-lo, Sr. Arnold.

Arnold levantou-se rapidamente e se dirigiu para a porta. Ao ver quem chegava estampou-se em seu rosto um misto de alegria, tristeza e pesar. De maneira entusiasmada, disse o visitante:

— Como tens passado, filho? Pensei em fazer-te surpresa...; disse a mim mesmo: «Estou certo de que Rafael deseja que eu vá directamente ao seu quarto». Tenho planos de ficar dois dias contigo. Nunca pensaste que teu velho pai fosse tão pronto, não é?

Tão alegre estava o inocente ancião com seu plano, que não percebeu as expressões conflitantes no rosto do filho. Contou minuciosamente ao jovem como havia planejado a viagem, e lhe disse quão surpreso estava por encontrá-lo morando na própria universidade. Disse que esperava que o jovem não estivesse ocupado demais para que pudesse mostrar-lhe alguma coisa durante os dias de sua permanência.

Rafael estava cheio de indecisões. No lugar onde viviam, as largas espáduas e as mãos calosas faziam parte do ambiente; ali na universidade, a figura angular de seu pai destoava por completo. Por outro lado, Rafael lembrava-se dos pais de seus colegas, que os haviam vindo visitar. Alguns eram hábeis e prósperos comerciantes, notáveis políticos e destacados profissionais. Todos traziam estampados a cultura e o refinamento. Jamais vira ali um tão rústico como seu pai. Começou a imaginar se deveria apresentá-lo aos colegas com o mesmo orgulho com que eles apresentavam os seus pais: «Colegas, apresento-lhes meu pai».

Parecia-lhe que isso era impossível; contudo, estava certo de que não havia pai algum que se pudesse comparar àquele que estava assentado em seu quarto.

Sentiu-se muito embaraçado quando de repente seu pai lhe disse:

— Sabes, Rafael, que gostaria de visitar algumas de tuas classes; e ao ler o prospecto, notei que talvez conheça o reitor da universidade. Parece-me que ouvi o nome Nellis Devinney Moore uma só vez, quando eu pertencia a um grupo de rapazes com os quais brincava e ia à escola. Seu pai e o meu tinham propriedades vizinhas no Estado de Indiana. Coisas estranhas ocorreram, e vou visitar o reitor apenas para satisfazer a minha curiosidade.

Rafael Arnold, com a face enrubescida, respondeu:

— Mas, papá, nesta universidade não se costuma receber visitas nas classes; não há tempo para isso.

— É mesmo? perguntou o pai admirado. Bem, se não é possível, paciência. Eu estava iludido com a ideia de ver como se fazem as coisas aqui. Mas — com o rosto iluminado — não há regulamento algum que impeça de visitar o reitor da universidade, não é mesmo?

Rafael formou um quadro mental do Dr. Moore, o reitor da universidade: alto, de porte militar, circunspecto, digno, olhos pretos penetrantes, que podiam inspirar temor ao coração, embora pudessem também reflectir simpatia e bondade. Em seguida o jovem imaginou o pai visitando o reitor, e o contraste se tornou grande demais. Seu pai deveria estar equivocado. O Dr. Moore não se havia criado no campo. Era filho de um advogado, não de um agricultor. Por conseguinte, Rafael resolveu apressadamente não permitir que seu pai visitasse o Dr. Moore; mas como pode-

ria impedir que o ancião pusesse em prática a sua determinação? Resolveu então dizer-lhe:

— Mas o Dr. Moore não está na universidade; viajou anteontem. Rafael virou-se para que seu pai não o visse corar ao mentir daquela maneira.

— Bem, disse o Sr. Arnold, parece que não tenho sorte.

Exactamente nesse instante souo a campainha, e Rafael se pôs em pé, enquanto dizia:

— Lamento, papá, mas preciso agora assistir a uma aula importante, que não posso perder. Gostaria de ficar com o senhor. Poderia ficar aqui à vontade por uma hora? Depois voltarei. Faça o que achar por bem.

Sentindo-se só, o Sr. Arnold descansou um pouco; em seguida, resolveu andar para conhecer os arredores da universidade. Ali observou que um cavalheiro andava rapidamente por um dos caminhos e parou para contemplar uma bela fonte. Quando o Sr. Arnold se aproximou, o homem, com um sorriso amável, disse-lhe:

— Bom dia!

— Bom dia, respondeu o Sr. Arnold. Belo lugar, não acha?

Um sorriso simpático iluminou o rosto do cavalheiro ao responder:

— Cremos que seja muito belo. O senhor é estranho nesta região?

— Sim, cheguei esta semana. Estou visitando meu filho, que estuda nesta universidade. Talvez o senhor o conheça. Chama-se Rafael Arnold.

Sim, aquele senhor o conhecia!

— Chamo-me Moore, Sr. Arnold, disse o cidadão, enquanto lhe estendia a mão. Sempre nos alegramos ao receber visitas na instituição.

— Moore? Repetiu o Sr. Arnold. É da família do reitor?

— Bem, respondeu sorrindo o Dr. Moore, chamam-me aqui reitor.

— Oh! que surpresa! Creio que Rafael estava enganado. Eu queria ver o reitor de qualquer maneira, mas Rafael me disse que ele estava viajando.

— Quando foi isso? perguntou o Dr. Moore.

— Hoje de manhã, assim que cheguei.

Uma expressão insondável se estampou no rosto do Dr. Moore, seguida por outra de compreensão... Imediatamente, convidou o visitante:

— Não gostaria de sentar-se um instante neste banco, Sr. Arnold?

Os dois homens sentaram-se num banco que havia junto à fonte. O Sr. Arnold aproveitou para perguntar:

Então o senhor é o reitor! E se chama Nellis Devinney Moore, não é assim? Lembrou-me de ter ouvido este nome uma só vez.

— Mesmo? perguntou o Dr. Moore. É um nome um tanto raro.

— Por acaso, o senhor já morou em Clayton, Estado de Indiana? continuou perguntando o Sr. Arnold.

— Clayton é a minha cidade natal, respondeu o Dr. Moore. Ali morei até completar dez anos. O senhor...?

A esta altura o Dr. Moore parou, inclinou-se um pouco, olhou-o indagadoramente, apertou-lhe firmemente o braço e, em seguida, exclamou: — Dean Arnold! É você mesmo? Quem haveria de dizer! A realidade é às vezes mais estranha do que a ficção.

— Eu sabia; sentia intimamente — respondeu emocionado o Sr. Arnold — que você era o reitor! Eu o disse esta manhã a Rafael, e estava ansioso para vê-lo.

Reunidos em circunstâncias tão estranhas, os dois velhos amigos começaram a comparar o que lhes havia acontecido na vida desde que se viram a última vez. Explicou o Dr. Moore:

— Meus pais morreram poucos meses depois que saímos de Indiana. Um tio meu, advogado do Estado, mandou-me buscar, e desde então morei com ele.

— E eu, continuei trabalhando no campo, disse o seu amigo. Passei muito bem. Ganhei mais dinheiro do que necessito para viver, mas creio que tudo isso será revertido em benefício do meu filho. Agora posso dar-lhe o que eu mesmo nunca pude obter. Ele é um bom moço, não é Nellis?

— Tem-se distinguido muito no desporto, respondeu o Dr. Moore.

Um pouco das circunstâncias reinantes deveria ser explicada antes que o Dr. Moore pudesse afirmar que Rafael era deveras um bom moço. E precisamente então ele saiu de um dos edifícios. Ao ver o pai em conversa animada com o Dr. Moore, o jovem começou a pensar o que poderia significar aquilo. Seu pai, assim que o viu, chamou-o. O jovem aproximou-se dos dois homens um tanto confuso.

— É exactamente o que eu pensava, Rafael, explicou entusiasmado o pai. Teu reitor é o menino com quem eu costumava brincar.

O Dr. Moore olhou de maneira penetrante para Rafael, e leu toda a história. Não obstante, disse em tom amável:

— Se teu pai é como o moço que conheci, tens um pai que é um entre mil, Rafael.

*Continua na pág. 9*

# Através dos Campos da Seara

**E POR CAUSA DE VÓS REPRENDEREI O DEVORADOR.** Malaquias 3:11

Em Abril de 1960, um irmão em Cristo Jesus deu como seu dízimo ao Senhor, uma dízima dos pombos que possuía.

E, na noite daquele dia, Deus salvou-lhe quatro cabras, das quais duas eram dele e duas de um seu irmão em Cristo.

Escaparam-se das garras duma fera que rompera o aprisco.

Espalhando-se os animais pela mata, o leão não se apoderou de nenhuma delas!

Diz-nos a palavra do Senhor: «E por causa de vós repreenderei o devorador».

Vosso irmão em Cristo Jesus,

*A. Paulino dos Santos*

## **CAMPO MISSIONÁRIO DO LUCUSSE — ÁREA DE SANDANDO**

### **O cuidado de Deus pelos Seus filhos**

«O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra», é o tema central. O Senhor é a minha luz e a minha salvação; a quem temerei? O Senhor é a força da minha vida; de quem me recearei? Salmos 27:1.

O Senhor Deus tem protegido o seu povo, isto é, os que o temem. E Ele os livra.

Um dos membros da minha escola, de nome João Noé Calunga, esteve muito tempo perdido como uma ovelha sem pastor. Através das nossas orações e súplicas a Deus, João Noé Calunga, encontra-se presentemente na nossa escola servindo a Jesus, o seu Salvador, com a sua família. Mais uma vez podemos ver que o Senhor nos ama. Grandes coisas fez o Senhor por nós, e por isso estamos alegres. Salmos 126:3.

«O Senhor é a minha força e o meu cântico, porque Ele me salvou. Salmos 118:14.

*Tiago Ferreira*

**HENRIQUE DE CARVALHO — SAURIMO**

E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo em testemunho a todas as gentes e então virá o fim. S. Mateus 24:14.

Durante 19 anos percorri o distrito do Moxico pregando e dando o testemunho do Evangelho em vários lugares a muita gente e nunca pensei que um dia pudesse ir ao distrito da Lunda. Mas presentemente encontro-me no distrito da Lunda, mesmo na capital do Distrito.

Havendo-me assim deslocado no dia 15 de Outubro de 1970 ao Luso, a fim de dar início à pregação da palavra de Deus entre a população desta Capital.

Estou a habitar no Bairro Terra Nova, onde esperamos, com a ajuda de Deus, ter uma Igreja para as reuniões e cultos. Um grande número já está a abraçar o Evangelho de Jesus, mesmo que alguns o achem coisa estranha. Os interessados ficam muito contentes ao lhes falarmos acerca da Nova Terra. A nossa esperança é que a população do Bairro Terra Nova não venha a entrar só, na Nova Jerusalém que aguardamos. Isaías 66:22. Mas também nela devem entrar os dos outros bairros de Henrique de Carvalho, como também os habitantes da cidade de Henrique de Carvalho.

Para que isto venha a acontecer assim, orai irmãos connosco.

*Moisés Samuel*

## **UMA JOVEM CURADA POR DEUS**

«Não foram dez os limpos e onde estão os nove?» S. Lucas 17:17.

Estas palavras foram proferidas por Jesus Cristo no tocante a um leproso que voltara a Jesus para agradecer o que Deus fizera por ele. Daí se nota que o Evangelho tem poder transformador. Ele transforma os corações en-

tenebrecidos pelo pecado e purifica-os.

Os homens amam o pecado e aborrecem o pecador. Pelo contrário, Deus ama o pecador e aborrece o pecado.

O método de ganhar almas para Cristo é muito fácil. Desde que nos tenhamos dedicado completamente a Deus, o Seu Espírito nos leva às almas famintas.

O trabalho da Escola Bíblica Postal tem muita utilidade na nossa Organização. Foi por intermédio deste que consegui descobrir estas almas e há mais que desejam baptizar-se.

Em prosseguimento, fui levado a um lar católico no Longonjo, cujo senhor expressa seus agradecimentos ao Senhor Dr. David Parsons pelo cuidado que teve com a filha.

Depois de uma troca de impressões ele contou-me a história da sua filha Maria Salomé de 17 anos de idade que foi curada miraculosamente por Deus.

Estando ela gravemente doente, não podendo andar, falar, comer ou mexer-se e sem esperança de vida, o Senhor estendeu a Sua mão sobre a moça e curou-a. O médico ao observá-la, ficou indeciso pelo problema que ela apresentava visto os maxilares estarem apertados. Que faremos? Apenas há uma solução!

— Vós, pois, sois religiosos? disseram que sim. Neste caso durante esta noite deveis dedicar a vossa filha a Deus e eu vou orar por ela a ver se Deus lhe concede de novo a vida.

No dia seguinte o médico perguntou aos pais se a filha sentira algumas melhoras. Os pais responderam que, sem dar por isso, a filha se mexeu, mas, ainda não falava. O médico tornou a tocar-lhe com o dedo no maxilar; eis que ela soltou um grito, dizendo que lhe doía.

Foi uma alegria imensa para os pais ao ver sua filha a falar e agradeceram jubilosamente a Deus o que tinha feito por eles.

Cheios de contentamento e gratidão disseram: «Esta filha já não é nossa, mas do Deus do Hospital do Bongo e se for de acordo com a Sua vontade queremos que ela trabalhe na vinha d'Aquele que a curou».

Vede irmãos que o trabalho da medicina é o braço direito da evangelização. Para melhor podermos obter resultados, temos que trabalhar conjuntamente e, fazendo assim, muitas almas serão ganhas para Cristo.

Prezados irmãos na fé, há muitas Marias e Paulos ao vosso redor que seguem a profissão gentilica, os quais necessitam do vosso auxílio. Que fareis por eles neste sentido?

*Salomão Rafael Bartolomeu*

---

«É quem sabe se para tal Tempo, como este, chegaste a este Reino?»

*Continuação da pág. 2*

guia firme, confiando na protecção do seu Deus, em Quem depositara a fé inquebrantável que não admite discussões.

Quando o arauto real anunciou a chegada da rainha, é possível que o monarca — para quem os negócios não corriam bem nos últimos tempos, precisamente, desde o grande malogro da invasão Persa — é possível que ficasse irado. Satanás principiou a trabalhar-lhe o coração: «Que virá fazer aqui a rainha, sem a ter mandado chamar? Não será querer intrometer-se nos meus negócios, que em nada lhe dizem respeito? Não será estar-se a salientar?...»

No entanto a rainha avançara e, firme, resoluta, de pé, resplandecendo de dignidade e de beleza olhou para o monarca; deve ter esboçado um ligeiro sorriso e baixou reverentemente a cabeça na atitude de quem expressa submissão, mas submissão confiante. Aquele sorriso da rainha, toda aquela atitude de graciosa distinção perturbaram o Monarca que se mostrou sorridente e lhe estendeu o ceptro, em sinal de que a admitia à sua presença.

Ester vencera a primeira parte da sua espinhosa missão; tinha a vida salva.

Confiando sempre no seu Deus, esperava também salvar o seu povo.

Daqui, dilectos Irmãos e Irmãs, procuraremos tirar a grande lição de que devemos cumprir a vontade de Deus a nosso respeito, como veremos no próximo artigo.

# A Capital perdida dos Hititas

## I

por Daniel Dupuy

Por ocasião da visita ao Museu Arqueológico de Istambul, renovara eu o desejo de viajar até à capital do antigo Império Hitita. Expunham-se nas vitrinas diversos objectos que pertenceram àquele povo ignorado pelos historiadores clássicos, porque suas ruínas já haviam sido esquecidas ao se ocuparem eles do passado.

Viam-se no museu tijolos com hieroglifos hititas e com sinais que foram denominados «cuneiformes» porque tinham a forma de cunhas verticais, horizontais e oblíquas, as quais eram impressas no barro por meio de buris especiais que deixavam aquelas marcas. Graças às pacientes investigações de eruditos de vários países e, especialmente, aos trabalhos de Jorge Rawlinson ao copiar as inscrições da Rocha de Behistun, foi possível ler-se três espécies de escritas que usavam aqueles sinais. Dessa forma, por meio de ladrilhos de diversas cidades da Mesopotâmia, pôde-se saber que houve um Império Hitita, do qual só se possuía conhecimento através das páginas da Bíblia.

Após aterrar em Ankara, a capital moderna da Turquia, fui com o professor grego que conhecera no avião, até as ruínas da cidade de Gordium, onde estavam sendo feitas importantes escavações arqueológicas. Ao voltar, trouxe um cartão de recomendação para pesquisadores turcos que se especializaram em hititologia. Em consequência, logo nos encontramos viajando para leste, em direcção a Boghazkeui, como denominam os turcos à cidade que se acha junto às ruínas da antiga Hattusas.

Antes de chegarmos à metade do percurso, que acompanhei cuidadosamente em um mapa enquanto avançávamos, atravessamos o rio Kisil, conhecido antigamente como Halys, que foi mencionado pelos autores clássicos em relação com os oráculos pagãos que se caracterizavam por sua ambiguidade.

A partir do rio Delice, afluente do Halys, o caminho se foi tornando cada vez mais

difícil. Contudo, chegou o momento feliz em que divisamos as ruínas de Hattusas sobre uma colina que se eleva a 1.200 metros sobre o nível do mar. Passamos primeiramente pela cidade turca de Boghazkeui com sua pequena mesquita. Nossa chegada alvoroçou as crianças que queriam acompanhar-nos às ruínas do grande império esquecido.

Foi-me dito que a antiga capital dos hititas tinha cinco templos. Subimos até à parte mais alta da colina e começamos a visita pelo templo principal, em cujo pátio correram um pouco os meninos que nos acompanharam, enquanto dois deles se metiam em um grande bloco de pedra escavada de forma rectangular, como se para esconder tesouros. Em torno desse templo os arqueólogos descobriram ruínas de setenta armazéns.

Passando pela pequena cidade do sul, chegámos ao Portal do Rei, formado por pedras monumentais que, naquele caso, davam-lhe o aspecto de um arco quase jovial. O mais curioso desse portal é que possui uma escultura que deu lugar ao nome que lhe foi dado e a muitas discussões. Em um dos lados dessa entrada, aparece representada uma pessoa em alto-relêvo, com a cabeça coberta por um capacete, ao mesmo tempo que segura um instrumento cortante com a mão direita. Certos pesquisadores disseram que se trata da representação de uma amazona; alguns são de acordo que era a efígie de um soldado que guardava a entrada; outros defenderam a hipótese de que simbolizava um rei hitita. Contudo, a descoberta de grande quantidade de tabletes com inscrições e o deciframento destas, permitiu concluir que é a representação de uma divindade.

Enquanto percorria as ruínas de Hattusas, podia imaginar a emoção que não devia ter sentido o arqueólogo alemão Hugo Winckler quando, no ano de 1906, descobriu nesse lugar 10.000 tabletes com inscrições onde ha-

*Continua na pág. 9*

# Campanha de Extensão Missionária - 1971

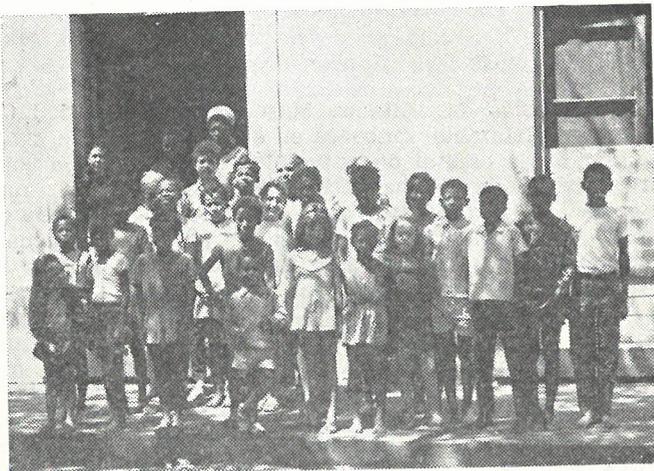
(GRANDE SEMANA)

por Abílio Echevarria

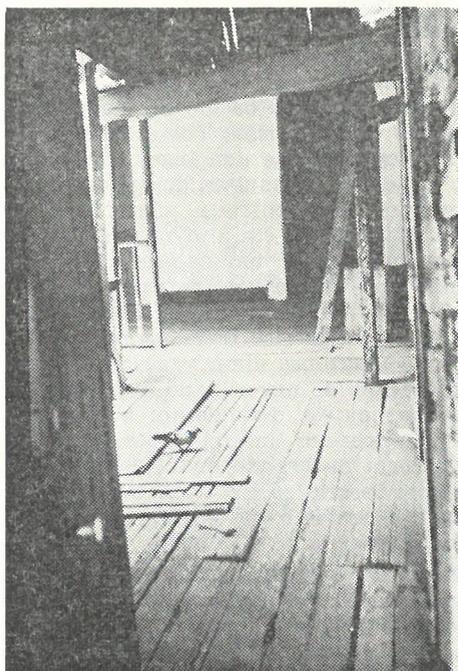
Director da Missão de Cabo Verde

Praia, a capital de Cabo Verde, está situada na ilha de S. Tiago, a maior de todo o arquipélago. A mensagem adventista é aí conhecida desde 1938 graças às brochuras religiosas para lá enviadas pelo missionário pioneiro, A. F. Raposo, que residia numa outra ilha mais pequena, a ilha Brava. Foi preciso esperar pelo ano de 1946 para que o primeiro obreiro adventista se estabelecesse nesta ilha. Um velho edifício servia simultaneamente de habitação do missionário, Igreja e escola.

Desde 1950, a escola funcionou com um elevado número de alunos, dos quais vários se tornaram membros da igreja e alguns mesmo obreiros.



*Não merecerão estas crianças uma escola em condições?*



*Eis um aspecto do edifício escolar tal qual se apresenta actualmente*

Tive a ocasião de ler recentemente uma carta na qual um dos primeiros alunos desta escola, fala dos seus sentimentos de gratidão para com a escola, sentimentos igualmente sentidos por vários outros alunos que passaram pela nossa escola. Eis o que ele escreve: «É para mim um grande privilégio, poder testemunhar publicamente minha gratidão para com a Obra Adventista por todas as bênçãos recebidas desta simpática comunidade. Tive, como acontece com muitos outros jovens, a infelicidade de nascer pobre. Por essa razão com a idade de 16 anos ainda não tinha chegado ao fim da minha instrução primária apesar de todo o interesse de que estava animado».

«Um dia, a escola da Igreja Adventista abriu as suas portas. Imediatamente me senti atraído pela atenção colorosa que me era dispensada. Nunca esquecerei os esforços e a dedicação de nossa professora. Ouviamo-la constantemente orar por nós e pelos nossos pais.

«Chegou o dia do exame Oficial. Constattei essa manhã quão bom é ser cristão. Dirigimo-nos para a Igreja. A professora dirigiu-nos algumas palavras de ânimo, se-

*Continua na pág. 16*

# CATORZE ERROS

1. Querer impor aos outros nosso conceito quanto à justiça ou injustiça, julgando-os por ele.
2. Medir as alegrias dos outros pelas nossas.
3. Esperar uniformidade de opinião neste mundo.
4. Esperar juízo e experiência da parte de todos.
5. Procura moldar uniformemente todos os ânimos.
6. Olhar para trás em vez de para diante.
7. Acabrunhar a nós mesmos e aos outros sobre aquilo que não pode ser remediado.
8. Recusar-nos e ceder em questões sem importância.
9. Recusar-nos a ajudar onde se precisa de auxílio, quando está em nosso poder.
10. Não ser condescendente para com as fraquezas alheias.
11. Considerar como impossível tudo aquilo que não conseguimos.
12. Só acreditar no que nosso finito espírito abrange.
13. Esperar poder compreender todas as coisas.
14. Viver sem Deus neste mundo, quando, qualquer momento nos pode levar à eternidade — Selecto.

## A Capital perdida dos Hititas

*Continuação da pág. 7*

via sido a biblioteca. Dez anos mais tarde, o investigador F. Delitzch publicava o vocabulário hitita comparado com o dos sumérios e acádios. Entre as antigas inscrições daquela antiga cidade, havia uma que foi gravada por Anntas, rei de Kusara que, após arrasar Hattusas antes do ano 1800 A. C., escreveu: «Tomei-a de assalto durante a noite, e no lugar em que a cidade se erguia semeiei cinza. Que o deus das tormentas aniquile a quem reinar depois de Rosa Inscrita, que atraíram poderosamente mim e se atreva a povoar Hattusas». Não obstante, seus sucessores reconstruíram a cidade arrasada e amaldiçoada, que se transformou na capital do Império Hitita, o qual iria tornar-se poderoso a ponto de conquistar a cidade de Babilónia, cerca do ano 1531 A. C. e derrotar o famoso faraó Ramsés II na célebre batalha de Kadesh, no ano 1278 antes de Cristo.

Entramos por diversas portas secretas e atravessamos túneis, sombrios mas estratégicos, que facilitaram a nossa visita às ruínas. Após contemplarmos a Porta dos Leões, os arqueólogos que me acompanhavam me persuadiram a ir visitar outros lugares de interesse: Jazilikaya e Alaja-Huyuk. Ao chegarmos a Jazilikaya tivemos que su-

bir por um caminho muito difícil antes de descer por um profundo vale e deixar o alto para realizarmos uma caminhada de duas horas. Estávamos finalmente diante das inscrições, por tanto tempo misteriosas, da atenção do arqueólogo francês Charles Texier, em 1834, considerado como o descobridor da capital do Império Hitita. No templo rupestre de Jazilikaya vimos a representação em baixo-relevo de um deus hitita sustentado pelo rei Tudhalia IV, o qual viveu uma geração antes que fosse incendiada a cidade de Hattusas, por volta do ano 1200 antes de Cristo, quando o império Hitita foi destruído definitivamente.

*Continua no próximo Número*

---

## Um Pai em Mil

*Continuação da pág. 4*

Convido-vos para jantar em minha casa hoje à noite.

Rafael Arnold mordeu os lábios. Percebeu que os olhos negros e penetrantes do reitor indicavam que ele havia compreendido sua má acção. Não obstante, com voz firme, respondeu:

— É verdade, Dr. Moore, tenho um pai que é um entre mil, orgulho-me por ser filho dele. Com muito prazer o acompanharei à sua casa hoje à noite.

# A Obra Adventista nas Ilhas de Cabo Verde

Ernesto Ferreira

Presidente da União Portuguesa

O arquipélago de Cabo Verde está situado no Oceano Atlântico, mais ou menos na direcção de Dakar, a cerca de 450 Km da costa africana. Compõe-se de 10 ilhas de origem vulcânica e de 5 outros ilhéus. A última erupção vulcânica data de 1951. Teve lugar na ilha do Fogo e originou a formação de outros cones afastados do principal que se eleva a 2.899 metros.

Por causa das secas, a vegetação do arquipélago não é muito abundante. Em média chove apenas 18 dias por ano na ilha de S. Vicente e 41 dias na ilha da Brava, que tem a fama de ser a menos árida.

Quando os portugueses descobriram o arquipélago, entre 1460 e 1462, as ilhas estavam desertas. A população actual é composta por descendentes de colonos portugueses, por alguns genovezes, por judeus que fugiram das perseguições na Europa, por outros europeus, também alguns indianos, e sobretudo por Africanos da costa da Guiné denominados «Jalofos», «Balantas» e «Papéis». Múltiplos cruzamentos entre as diferentes grupos étnicos deu origem a um grande número de mestiços, que presentemente constituem três quartos da população.

Segundo o último recenseamento, o arquipélago tem 221.770 habitantes.

Mais de 130.000 têm menos de trinta-anos.

Como consequência da pobreza destas ilhas, muitos dos seus habitantes procuram no estrangeiro melhores condições de vida. Nos Estados Unidos são alguns milhares.

Entre os que imigram, grande número muda de religião. Foi por exemplo o caso de António J. Gomes, engenheiro naval, que aceitou a mensagem adventista na Califórnia. Em 1933, voltou à sua ilha natal, Brava, onde permaneceu durante sete meses, aproveitando sua estadia para testemunhas de sua fé. Várias pessoas se interessaram pela mensagem dos evangelhos. A fim de dar continuidade ao interesse suscitado, foi enviado em 1935 o irmão Alberto Raposo, um missionário de Portugal. Pouco tempo depois estava organizada uma Escola Sabatina com aproximadamente 50 pessoas. Em 1936, foram baptizados os quinze primeiros membros. Em 1938, o irmão A. J. Gomes mandou construir na ilha da Brava, um edifício que se destinava a servir simultaneamente de Igreja, Escola e residência do Missionário.

Gradualmente, a mensagem adven-

*Continua na pág. 14*

# AS XANTINAS

(Extraídos da Revista Vida e Saúde, Setembro de 1962)

## *Cafeína, Teofilina e Teobromina*

«FONTES E HISTÓRICO. — A cafeína, a teofilina e a teobromina são drogas de constituição química e acção farmacológica semelhantes. São encontradas em um grande número de plantas, amplamente distribuídas pela mundo. Interessante é observar nos lugares em que estas plantas são indígenas, que os nativos usam seu extrato aquoso como bebida. O consumo de algumas dessas memidas, como café e cacau, é praticado em toda parte do mundo civilizado. O café obtido da *Coffea Arabica*, contém cafeína. O chá das folhas de *Thea Sinensis* contém cafeína e teofilina. O cacau, obtido das sementes da *Theobroma Cacao*, contém cafeína e teobromino.

«Além disso, numerosas bebidas cafeinadas, de atração menos universal, são consumidas em área bastante disseminadas. O mate é a bebida nacional de vários países sul-americanos; ele contém cafeína. No extenso território do Sudão, os nativos mastigam a noz de Cola e deglutem os extratos. A noz de Cola é uma riqueza valiosa e é usada como base de intercâmbio comercial. Esta noz contém, aproximadamente, dois por cento de cafeína».

### Sistema Nervoso Central

«A cafeína é um poderoso estimulante do sistema nervoso central... A cafeína é a xantina empregada geralmente na clínica por sua acção central... A cafeína excita todas as partes do sistema nervoso central. Os locais principais de estimulação: o córtex, o bulbo e a medula».

### Efeitos das Doses Elevadas

«Depois da administração de doses elevadas de cafeína, há um estímulo de todo o sistema nervoso central, incluindo a medula. A excitabilidade reflexa fica aumentada e os centros motores inferiores podem tornar-se diretamente excitados».

### Coração

«A cafeína estimula directamente o miocárdio. Consequentemente, pode observar-se em indivíduos diferentes uma ligeira bradicardia ou taquicardia após a ingestão de cafeína».

«O abuso de bebidas xânticas pode conduzir a uma situação considerada como uma intoxicação crónica. A excitação nervosa central provoca inquietude e perturbação do sono. A excitação miocárdica reflete-se nas irregularidades cardíacas, principalmente nas extrasístoles, palpitações e taquicardia. Os óleos essenciais do café podem produzir uma irritação gastrintestinal, sendo a diarreia um dos sintomas. O elevado teor de tanino do chá, por outro lado, pode produzir uma constipação.

«Não há dúvida de se desenvolver um certo grau de dependência psíquica, isto é, hábito às bebidas xânticas. Isto é provavelmente verdade mesmo em pessoas que não participam de um excesso.

«A xícara matutina de café, entretanto, é uma parte tão essencial da dieta, que raramente se considera o seu consumo como um vício... A sensação de bem-estar e o aumento da capacidade que ela oferece, não obstante ser obtida a expensas de uma eficiência diminuída no resto do dia, são experiências que poucos indivíduos tentarão abandonar». — Do livro *As Bases Farmacológicas da Terapêutica*, Vol. 1, Compendio de Farmacologia, Toxicologia e Terapêutica Para Médicos e Estudantes de Medicina, Editado pela Livraria Editora Guanabara, Koogn S/A, Rua do Ouvidor, 132, Rio de Janeiro, Gb, 1958. Autores: Luis S. Goodman, MA, MD, professor de Farmacologia da Escola de Medicina da Universidade de Utah, E. U. A.; Alfredo Gilman, Phd, professor de Farmacologia da Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade de Columbia, Novo York, E. U. A.

Segundo Beredo Carneiro, é o seguinte o teor de cafeína em:

Guaraná (amêndoa) . . . . .	5,38
Idem (tegumento) . . . . .	3,52
Café (verde) . . . . .	2,26
Cola . . . . .	2,25
Chá (verde) . . . . .	2,20
Café (sêco) . . . . .	1,25
Cacau . . . . .	1,15
Café (torrado) . . . . .	0,80
Mate . . . . .	0,55

Do livro *Como Devemos Viver*, pág. 86, cap. «Venenos».

*Continua na pág. 13*

# A Campanha das Missões une Mãe e Filho

Certamente que temos feito a nós próprios a pergunta: Vale a pena fazer a campanha das Missões? Encontrei há alguns meses esta maravilhosa experiência que certamente responde à pergunta. Que neste ano a nossa ajuda à Campanha das Missões não se faça esperar.

**J. A. Morgado**

O calendário indicava o Dia 12 de outubro de 1964. Estava um dia de chuva. O Sol estava escondido por baixas e escuras nuvens, e o nevoeiro era denso. O dia parecia estar cheio de melancolia. Assim estava o coração de uma idosa senhora, Mrs. Mueller, em Solinger, Alemanha.

Por 19 anos ela tinha experimentado todos os meios possíveis para encontrar o seu único filho, Karl. Ela havia-o perdido na desordem e confusão da guerra quando eles corriam para escapar ao exército de ocupação Russo.

Por anos e anos ela tinha estado em correspondência com a cruz vermelha, com os escritórios que, no fim da guerra procuravam reunir famílias desapa-

recidas e sem nenhum resultado positivo.

Eram longos, longos anos de esperança e incerteza, anos de desespero, e anos de espera até que recebeu uma carta da cruz vermelha comunicando que todos os esforços feitos para encontrar Karl tinham sido infrutíferos, em vão.

Por este tempo a Nossa Sociedade M. V. em Solinger estava empenhada na Campanha Anual para as Missões.

Uma revista religiosa acerca da Campanha é oferecida de porta em porta, a um donativo de um marco alemão ou mais.

Apesar de o dia estar chuvoso decidiram-se a fazer uma saída para a

Campanha. Carregado com revistas eu bati à porta de uma senhora, Mrs. Mueller. Ela havia sido já membro de nossa Igreja, mas quando perdeu a esperança de encontrar o seu filho Karl, aborreceu-se e não voltou à Igreja.

Ela entregou-me o marco alemão em troca da revista e prometeu ir à Igreja no próximo Sábado, talvez por ela não gostar de me entristecer.

Mas eu voltei a ouvir falar dela mais cedo ainda.

«Mr. Diehl, Mr. Diehl, eu tenho de lhe falar imediatamente; por favor, venha depressa».

Eu tomei o outocarro e logo me encontrava junto dela. Então ela apresentou-me a bela descoberta em que tinha medo de acreditar, mas que ela gostava que fosse verdade.

A capa traseira desta Revista da Campanha apresentava uma fotografia com um grande barco, acabado de chegar a um porto, e mostrando os passageiros desembarcando.

Os passageiros podiam distinguir-se com facilidade, e Sr.<sup>a</sup> Mueller pareceu-lhe que uma dessas pessoas se parecia com o seu filho.

«Bem, pensei eu, é uma possibilidade num milhão».

O desespero usualmente faz uma pessoa agarrar-se com força a toda a esperança, por mais pequena que ela fosse.

Desde então estivemos em comunicação constante. Nós escrevemos para a casa publicadora de Hamburgo e fomos informados que esta fotografia havia sido tirada em 1962, no porto de Hamburgo. Continuando as nossas investigações, escrevemos para Companhias de navegação, consulados, e escritório da emigração em Hamburgo, até que a Sr.<sup>a</sup> Mueller recebeu finalmente a mais importante carta de sua vida — o seu filho Karl ainda vivia.

Fomos informados que ele havia emigrado para os Estados Unidos depois da confusão do fim da Segunda Guerra Mundial; que havia regressado em 1962 para Hamburgo, e que agora vivia com sua família somente a 250 milhas do seu lugar Natal na parte Ocidental da Alemanha.

Três dias depois mãe e filho se abra-

çavam, num extase de alegria e felicidade.

Os anos de desespero, incerteza e tristeza, haviam passado. Finalmente estavam de novo reunidos.

Aquilo que a Cruz Vermelha ou outro qualquer escritório não tinha conseguido fazer em 19 anos, foi realizado milagrosamente por uma Revista da Campanha.

Podeis imaginar como eu me encontro feliz? Podeis calcular quão feliz essa família se encontra?

Até esse momento eu não havia considerado a Campanha das Missões um dever sagrado, mas agora considero um grande privilégio.

Esta experiência faz-me lembrar aquele verso Bíblico «Lança o teu pão sobre as águas e depois de muitos dias o acharás».

Um marco almão dado por uma Revista da Campanha, uma pessoa que saiu num dia de chuva; estes fracos instrumentos proporcionaram altos resultados. — Guiaram uma mãe e um filho, tornaram a unir uma família.

*In.*

*Canadian Union Messenger  
Oshawa, Ontário  
February, 1968*

---

## As Xantinas

*Continuação da pág. 11*

### Mate

A quantidade de cafeína na erva-mate é considerável e há quem pense ser mais compensador explorá-la, do que o café, quando se deseja preparar este alcalóide.

Se nos perguntarem se o «ilex» ou «mate» é planta tóxica, responderemos que sim e, do mesmo modo que o é também o 'café'. O gado não come essas folhas, senão depois que se habituou a elas, ingerindo, de quando em quando, pequenas quantidades. — *Plantas e Substâncias Vegetais e Medicinais*, de F. C. Hoehne, pág. 182.

---

## Visado pela Censura

## A Obra Adventistas nas Ilhas de Cabo Verde

*Continuação da pág. 10*

tista penetrou nas outras ilhas do arquipélago, que tem três cidades principais: Praia, a capital, Mindelo e S. Filipe. Em cada uma destas cidades temos uma igreja e uma Escola primária.

A percentagem de alfabetização deste território é bastante elevada; algumas vezes ultrapassa a percentagem de alguns países da Europa. O ensino é obrigatório para todas as crianças dos seis aos doze anos. O Estado aí mandou edificar 434 escolas nas quais ensinam 755 professores. O ensino secundário é igualmente bastante acessível. Por outro lado o Governo oferece bolsas de estudo a estudantes pobres a fim de poderem prosseguir seus estudos na Europa.

Tendo em consideração estes factos, parece evidente que nossas quatro escolas primárias se deveriam classificar entre as melhores do país. Infelizmente não é o caso. Todavia, não poderíamos deixar de mencionar que nossos professores são dedicados, seu ensino é profissionalmente notável e sobretudo que uma poderosa influência adventista se faz sentir através de tudo quanto dizemos e fazemos.

Devemos entretanto reconhecer que nossos edifícios e equipamento escolar são de uma pobreza e antiguidade verdadeiramente aflitivas. Por essa razão temos planos para construir novas escolas para substituir as antigas. Nosso primeiro projecto diz respeito à escola da Praia, que é o objectivo proposto para a Semana de Extensão Missionária deste ano.

Que a visão da obra a ser realizada por meio de uma escola adventista, como a que tencionamos edificar na Praia, possa incitar todos os membros da Igreja a fazer desta Semana de Extensão Missionária a melhor da história de nossa Divisão!

## A Liberdade Religiosa

*Continuação da pág. 1*

perante o Estado, os contactos com os nossos semelhantes, a nossa maneira de repousar, de nos alimentarmos, de tratar dos nossos negócios ou de educar os nossos filhos — tudo isto variará de acordo com a aceitação desta ou daquela crença, desta ou daquela filosofia.

É, portanto, indispensável que esta liberdade religiosa seja respeitada, porquanto condiciona toda a nossa existência nos seus espectos materiais, intelectuais, morais e espirituais.

É ela, a liberdade religiosa, o ponto de partida das liberdades civis e políticas.

Por isso, o projecto da proposta de lei sobre «A Liberdade Religiosa» no nosso País assume uma importância incalculável, como facilmente se compreende.

O Senhor Presidente do Conselho reconhecendo, evidentemente, a importância do assunto, determinou, nos termos do art.º 105 da Constituição que o trabalho das secções ou sub-secções que for necessário convocar, para efeito da apreciação do projecto da proposta de lei e dos que lhe forem enviados — deve prosseguir ou realizar-se a entrada na Assembleia Nacional do referido projecto, o que ocorreu em Outubro passado.

Para melhor e mais profundo da questão; dividiremos este nosso modesto trabalho numa série de artigos que irão aparecendo, mensalmente no nosso Boletim.

Que Deus ilumine todos os homens públicos que terão de contribuir para a redacção definitiva da proposta de lei sobre a Liberdade Religiosa, no nosso País.

# Notícias do Campo

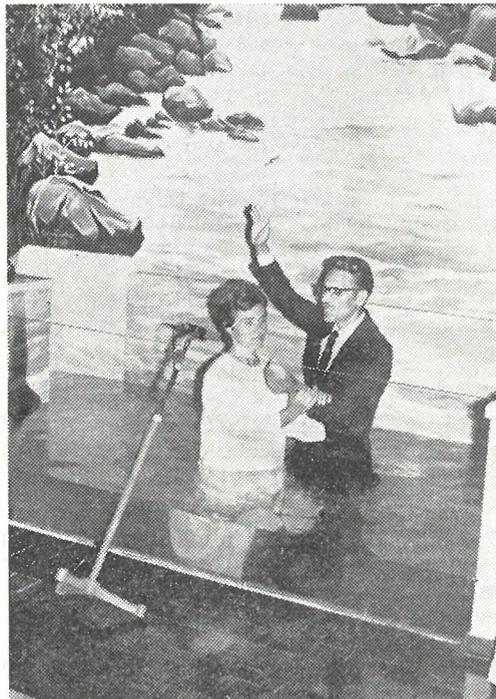
## Luanda — Respigando

Depois de uma ausência de 13 anos regressámos a África no dia 5 de Dezembro de 1970. Agora nosso trabalho deveria estar circunscrito à cidade de Luanda. Linda e progressista cidade que já vai para a casa dos 600.000 habitantes. Luanda é tipicamente o contraste da época em que vivemos. Uma cidade onde se vive os efeitos da influência de uma África milenar, terra das lendas e mistérios, com seus costumes e bairros chamados musseques vivendo a tradicional vida de antanho. Por outro lado uma África de roupas novas, com lindas avenidas, e lindos e modernos prédios, igualando-se com a civilização tipicamente europeia. Comércio movimentado e progressista, que é um índice de civilização, e prova que esta terra caminha o seu destino de uma terra de oportunidades. Há sinais de progresso em todos os sectores da cidade. Há um esforço conjunto de fazer desta linda cidade e desta terra aquilo que imaginamos de uma Angola grande e humana.

Nesta cidade, no dia 27 de Março deste ano, na igreja Adventista do Sétimo Dia, lindo prédio situado numa das avenidas principais, com seus quatro andares, e uma arquitectura moderna, realizou-se uma bela festa espiritual. 22 preciosas almas foram levadas às águas baptismas voluntariamente, fazendo assim uma entrega de seus corações a Jesus. A igreja estava cheia de visitas, bem como fiéis que convidados assistiram aos batismos. Enquanto a congregação cantava, o pastor M. S. Castro, pastor da igreja de Luanda, ia sepultando nas águas os novos prosélitos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Após o baptismo foi feita pelo pastor da igreja uma leitura do Livro dos Livros, mostrando que a vida com Cristo é uma vida nova, pois as coisas velhas se passaram. Ser adquirido pelo plano da redenção é algo sublime. Diz a Palavra de Deus que há grande alegria no céu quando um pecador se arrepende. Agora sendo de novo gerado, torna-se o crente em Jesus uma criatura de carácter diferente, não vive para si, mas para Deus e seu próximo.

Após o sermão, os certificados de baptismo foram entregues, com a recepção aos novos membros. À frente vieram os fiéis que contribuíram para a conversão dos novos membros; havia lágrimas, abraços,



muita alegria. A Bíblia diz: « Quem ganha almas sábio é ».

A igreja de Luanda está respigando, há um interesse inusitado e muitas almas estão desejosas de conhecer a verdade.

Assim diz a serva do Senhor: O designio do Salvador era que, após Sua ascensão ao céu para Se tornar o intercessor do homem, Seus seguidores continuassem com a obra que Ele havia começado. Não hão-de os instrumentos humanos manifestar um interesse especial em levar a luz da mensagem evangélica aos que vivem em trevas? Há pessoas prontas a ir até aos confins da terra para levar a luz aos homens, mas Deus requer que toda a alma que conhece a verdade trabalhe para ganhar outros para o amor da mesma.

Se não estamos dispostos a fazer sacrifícios especiais afim de salvar almas prestes a perecer, como poderemos ser considerados dignos de entrar na cidade de Deus?

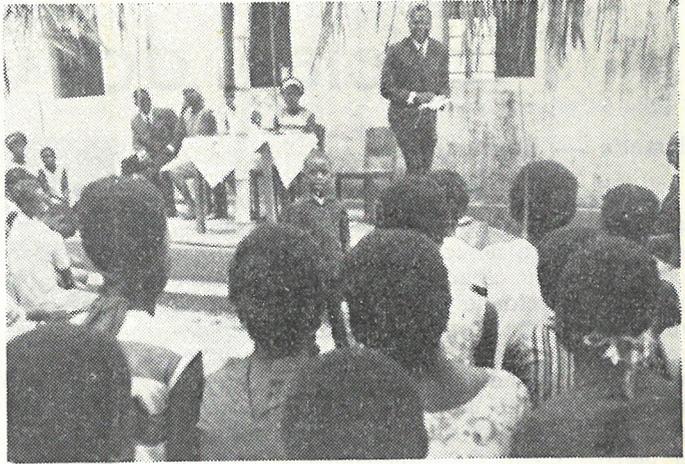
«Cada Cristão é designado a uma obra especial». Serviço Cristão, pág. 12. Que Deus abençoe a sua obra na cidade de Luanda e que o ano de 1971 seja o ano das grandes vitórias para Deus.

M. S. Castro

## Acampamento dos jovens Africanos em Benguela

No dia 16 de Fevereiro recebemos uma circular dos Departamentos da juventude da União Angolana dos Adventistas do Sétimo Dia, para os jovens das missões se reunirem em Benguela a partir do dia 21 a 29 de Março do ano em curso.

E assim no referido dia reuniram-se jovens do Quicuco, Namba, Nova Lisboa, Instituto e do Campo Missionário do Bongo em número de mais de cinquenta jovens.



O programa fornecido pelo secretário deste Departamento, foi fielmente seguido.

Todas as manhãs o professor Donald Gomes Dia, da Escola Central de Catapi, dirigia a ginástica antes da devoção matinal.

Depois do pequeno almoço e da limpeza do lugar do acampamento, tínhamos passado às actividades diversas. Após o almoço seguido de momentos de repouso, seguia-se sempre boas reuniões com sermões próprios para os jovens. Estes gostaram muito das mensagens e muitos renovaram a sua dedicação ao Senhor.

O último Sábado foi passado em conjunto com os irmãos da igreja de Caponde, onde os jovens cantaram vários hinos especiais em português, francês e em umbundo e muitas poesias em português e francês.

Todos gostamos da Colónia de férias. Muitos obreiros estão a perguntar se na próxima altura a União lhes dará o privilégio de participarem numa colónia de férias pois dizem que como alunos não tiveram tal oportunidade.

*Isaque D. Tadeu*

---

## Campanha de Extensão Missionária-1971

*Continuação da pág. 8*

guidamente nos ajoelhámos e ela orou por cada um de nós. Isso nos deu tanta cora-

gem que todos obtivemos bons resultados e eu até consegui uma distinção!

«Feliz por ter conseguido realizar o que me parecia ser um sonho impossível, considero um dever apresentar este testemunho público da gratidão que inunda o meu coração. O objectivo deste testemunho é de agradecer à Obra Adventista o maravilhoso trabalho realizado em suas escolas, que é valorizado pela dedicação dos professores e professoras.

«Não sei o que o futuro me reserva, mas podeis estar certos que proclamarei bem alto e sinceramente: Que Deus bendiga a Obra Adventista! Que Deus bendiga suas escolas! Que Deus bendiga seus professores!». Assinado: Aristides Barros.

Estas palavras foram escritas em 1954, e desde então muitos outros Aristides Barros poderiam apresentar um testemunho idêntico.

O velho prédio que servia de escola foi comprado, mas já não se encontra em estado de ser utilizado. Deverá ser demolido e substituído por uma nova construção. Pensamos construir um edifício moderno e bem equipado, no qual as crianças da cidade da Praia encontrarão, além do ensino das matérias oficiais, uma formação verdadeiramente adventista.

Nosso sonho será realidade? Isso depende em grande medida do resultado da Semana de Extensão Missionária deste ano.

No nome dos futuros membros da igreja de Cabo Verde, que darão nesta escola os primeiros passos nas veredas do conhecimento humano e da vida cristã, nós antecipadamente agradecemos a vossa ajuda.